

O casal que nos tornamos

Parte 1 — Quem é você agora?

Há muitos anos dedico boa parte dos meus estudos à compreensão dos relacionamentos íntimos, independentemente do nome que recebam.

Fica.

Namoro.

Casamento.

Ou qualquer outra forma que duas pessoas encontrem para construir uma história em comum.

Eu, pessoalmente, faço parte do time dos casados.

Há 23 anos.

Somados ao período de namoro, são 24 anos de caminhada compartilhada.

E tudo começou como costumam começar algumas das melhores histórias: por uma amizade.

Penso que este é um dos alicerces mais importantes de uma experiência conjugal saudável.

Como dividir a vida com alguém que não é seu amigo?

Seria como conviver diariamente com um estranho íntimo.

Ou, em casos menos felizes, com um inimigo doméstico.

Casei aos 17 anos.

Ele tinha 19.

Até hoje brincamos com isso.

Onde estavam os adultos responsáveis que permitiram aquele enlace?

Talvez os tempos fossem outros.

Talvez nós também.

Ao longo dessas mais de duas décadas, atravessamos inúmeras fases.

Conquistas.

Perdas.

Mudanças.

Filhos.

Mudanças de cidade.

Projetos.

Crises.

Reencontros.

E seguimos fazendo o que casais de longa duração fazem quando desejam permanecer juntos: escolhendo um ao outro repetidas vezes.

Nem sempre com facilidade.

Mas com intenção.

Recentemente tenho atravessado um período particularmente importante da maturidade feminina.

A perimenopausa me colocou diante de transformações físicas, emocionais e existenciais que, por vezes, me surpreendem.

Confesso que ainda me pego estranhando algumas delas.

Mas existe algo curioso nesse processo.

Por mais que eu esteja mudando, continuo habitando minha própria experiência.

Continuo vivendo dentro da mulher que me tornei.

De alguma forma, acompanho minhas transformações em tempo real.

Mas e ele?

O que acontece com quem está do outro lado?

Com o homem que conheceu aquela jovem de 17 anos?

Que se apaixonou por ela?

Que construiu uma família ao seu lado?

Será que ele ainda a reconhece?

Às vezes me pego pensando nisso.

Será que ele ainda encontra vestígios daquela jovem doce para quem disse "sim" tantos anos atrás?

Ou será que, assim como eu, ele também está aprendendo a conhecer uma nova versão da mulher com quem escolheu compartilhar a vida?

Talvez essa seja uma das perguntas mais interessantes dos relacionamentos duradouros.

Não como permanecer ao lado da mesma pessoa por muitos anos.

Mas como continuar encontrando um ao outro depois de tantas transformações.

Parte 2 — Atualizando o app

Acredito ter encontrado uma resposta para minha pergunta.

Procurei por ela revisitando os cantos da experiência conjugal e lembrando de algo bastante simples.

O jovem de 19 anos para quem eu disse "sim" já não existe.

Ou melhor.

Não existe existindo.

Grande paradoxo.

Ele continua aqui.

Mas já não é o mesmo.

Assim como eu também não sou aquela jovem de 17 anos.

Talvez seja justamente por isso que relacionamentos duradouros necessitem de constantes atualizações.

Explico.

Assim como nossos celulares precisam de manutenção, limpeza de memória e atualizações periódicas para continuarem funcionando adequadamente, os relacionamentos também precisam.

Quando isso não acontece, corremos o risco de operar com versões antigas de quem está ao nosso lado.

E talvez boa parte das crises conjugais tenha relação com isso.

Continuamos nos relacionando com alguém que já não existe.

Ou pior.

Acreditamos conhecer profundamente uma pessoa que não revisitamos há anos.

Costumo dizer, tanto na vida pessoal quanto na profissional, que o amor é exigente.

A vida contemporânea também.

Trabalho.

Filhos.

Contas.

Compromissos.

Cansaço.

São muitas as demandas que competem pela nossa atenção.

E, por vezes, encontrar espaço para ser casal exige intenção.

Porque o "sim" não termina no dia do casamento.

Ele se renova.

Ou não.

Todos os dias.

Ao longo dos anos, aprendi que permanecer junto não depende apenas de amar.

Depende de continuar conhecendo.

Continuar perguntando.

Continuar se interessando.

Continuar atualizando a versão que temos do outro.

Para encerrar esta reflexão, lembro de uma conversa que tive com meu filho mais velho quando ele tinha cerca de oito anos.

Estávamos no carro, a caminho da escola, quando ele me perguntou:

— Por que você e meu pai estão casados há tanto tempo?

Pensei por alguns instantes e respondi:

— Porque eu o admiro e ele me faz sorrir.

Até hoje rio ao lembrar de histórias absurdamente engraçadas que só fazem sentido para quem compartilha muitos anos de vida juntos.

Mas meu filho não ficou satisfeito.

Visivelmente contrariado, retrucou:

— E o amor? Onde fica?

Sorri.

E hoje penso que ele tinha razão.

O amor está na equação.

Mas talvez não da forma como costumamos imaginá-lo.

Talvez ele esteja menos nos grandes gestos e mais nas pequenas atualizações cotidianas.

Na mensagem enviada no meio da tarde.

Na figurinha compartilhada sem motivo.

No doce de leite lembrado no supermercado.

Na conversa que continua.

Na curiosidade que permanece.

Na disposição de seguir conhecendo alguém que continua mudando.

Porque, depois de tantos anos, talvez o desafio não seja permanecer ao lado da mesma pessoa.

Talvez o verdadeiro desafio seja continuar encontrando um ao outro enquanto ambos seguem se transformando.